

Uma missão sinodal até os confins do mundo: Cruzar fronteiras levando a Esperança e a Alegria do Evangelho

23

Una misión sinodal hasta los confines del mundo: Cruzar fronteras llevando la Esperanza y la Alegría del Evangelio

A synodal mission to the ends of the world: Crossing borders bringing the Hope and Joy of the Gospel

Memore Restori¹

Resumo

O artigo que apresentamos pretende fazer uma releitura dos dois últimos eventos missionários: o 5º Congresso Missionário Nacional 2023 e o 6º Congresso Americano Missionário 2024, tendo como referencial o Sínodo da Sinodalidade 2024 e a Proclamação do Jubileu 2025. Esses dois eventos missionários foram um convite para discernir sobre os sinais dos tempos e responder, adequadamente, aos novos desafios para a Ação Missionária. Hoje, ir até os confins do mundo não pode ser mais compreendido como simples deslocamento geográfico; e sim, uma saída missionária rumo às realidades mais extremas e situações humanas de confins. E isso foi o grande desafio apontado para a Igreja local: saber conjugar missão “ad intra” e missão “ad extra; isto é, missão local e universal. Perante os desafios trazidos pela hipermodernidade o (a) missionário (a) precisa ter constante atualização missiológica, profunda experiência de Deus, entender que as angústias dos homens são também dos discípulos de Cristo e se deixar conduzir pelo Espírito Santo, o Agente principal da Evangelização.

Palavras chaves: ação missionária; confins do mundo; esperança; igreja local.

Resumen

El artículo que presentamos pretende reinterpretar los dos últimos eventos misioneros, el V Congreso Misionero Nacional 2023 y el VI Congreso Misionero Americano 2024, tomando como referencia el Sínodo de los Obispos 2024 y la Proclamación del Jubileo 2025. Estos dos eventos misioneros fueron una invitación a discernir los signos de los tiempos y responder, adecuadamente, a los nuevos desafíos de la Acción Misionera. Hoy en día, ir a los confines

¹ Mestre em Teologia da Missão pelo Instituto Teológico São Paulo; leigo graduado em Filosofia e Teologia. Assessor de missiologia. Autor do livro: A missão no Vaticano II. E-mail memore.restori@gmail.com.



del mundo ya no puede entenderse como un simple desplazamiento geográfico; y sí, una salida misionera hacia las realidades más extremas y situaciones humanas al límite. Éste es el gran desafío que se ha señalado a la Iglesia local: saber combinar la misión “ad intra” y la misión “ad extra”; es decir, misión local y universal. Frente a los desafíos que trae la hipermodernidad, el misionero necesita una constante actualización misionológica, una profunda experiencia de Dios, comprender que la angustia de los hombres es también la de los discípulos de Cristo y dejándose conducir por el Espíritu Santo, Agente principal de la Evangelización.

Palabras clave: acción misionera; confines del mundo; esperanza; iglesia local.

Abstract

The article we present aims to reinterpret the last two missionary events, the 5th National Missionary Congress 2023 and the 6th American Missionary Congress 2024, taking as reference the Synod of Bishops 2024 and the Proclamation of the Jubilee 2025. These two missionary events were an invitation to discern the signs of the times in order to respond, adequately, to the new challenges for Missionary Action. Today, going to the ends of the world can no longer be understood as a simple geographical displacement; rather, a missionary outreach towards the most extreme realities and human situations on the edge. This is the great challenge that has been pointed out to the Local Church: knowing how to combine mission “ad intra” and mission “ad extra”; that is, local and universal mission. Faced with the challenges brought by hypermodernity, the missionary needs constant missiological updating, a profound experience of God, understanding that the anguish of men is also that of the disciples of Christ, and allowing himself to be led by the Holy Spirit, the main Agent of Evangelization.

Key words: ends of the world; hope; local church; missionary action.

1. Introdução

Uma retrospectiva dos últimos anos é motivo de aprofundamento e fortalecimento de nossa missão evangelizadora, particularmente, ao fazer memória de dois eventos: o 5º Congresso Missionário Nacional (5ºCMN), celebrado em novembro de 2023, com o tema “Ide! Da Igreja local aos confins do mundo” e o lema “Corações ardentes pés a caminho”; e o 6º Congresso Americano Missionário (CAM6), realizado em novembro de 2024, com o tema “Evangelizadores com Espírito até os confins do mundo” e o lema “América, na força do Espírito, testemunhas de Cristo”

Iniciamos o ano de 2025 com outros dois eventos importantes: a conclusão do Sínodo sobre a Sinodalidade e a Proclamação do Ano Santo Jubilar em maio de 2024, com a bula do Papa Francisco *Spes non Confundit* (2024b), que significa a esperança não decepciona. Esse último evento norteia a ação missionária da Igreja, convidando-a a detectar os âmbitos e pessoas carentes de esperança. Desde a *Evangelii Gaudium* (EG), em 2013, o Papa Francisco afirmava: “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1).



Em vista disso, a bula encíclica do Jubileu pede “que a luz da esperança cristã chegue a cada pessoa, como mensagem do amor de Deus dirigida a todos” (Francisco, 2024b, nº6). Essa renovada ação evangelizadora, incentivada pelo Jubileu, tende a nos levar à conversão pastoral e à renovação missionária de nossas comunidades. Não por acaso, na conclusão do Sínodo, “o Documento Final expressa a consciência de que o chamado à missão é, ao mesmo tempo, o chamado à conversão de cada Igreja particular e de toda a Igreja, na perspectiva indicada na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (cf. nº 30)” (Sínodo dos Bispos, 2025, nº 11).

O Ano Jubilar poderá ser uma importante oportunidade para tornar concreto este modo sinodal, que hoje a comunidade cristã sente como expressão cada vez mais necessária para melhor corresponder à urgência da evangelização: todos os batizados, cada qual com o próprio carisma e ministério, se sintam corresponsáveis pela mesma a fim de que muitos sinais de esperança deem testemunho da presença de Deus no mundo (Francisco, 2024b, nº 17).

A partir dessas elucidações, trataremos da missão sinodal para além das fronteiras geográficas, até os confins do mundo.

2. Memórias do 5º Congresso Missionário Nacional

O 5º Congresso Missionário Nacional (5CMN), realizado em Manaus de 10 a 15 de novembro de 2023, foi um estímulo para fortalecer o ardor missionário nos participantes e despertar o anseio de cruzar fronteiras, visando levar a “alegria do Evangelho” à humanidade que tem sede, no coração, de “água viva” (Bíblia, Jo 4,10). De fato, segundo a Mensagem do Papa Francisco para o Dia mundial das Missões de 2022, ir “até os confins do mundo” realmente tem a ver com “a atualidade perene duma missão de evangelização universal” (Francisco, 2022, nº 2). Efetiva-se ao “levar a todos o Evangelho de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, como anúncio da esperança que realiza as promessas, introduz na glória e não desilude porque está fundada no amor” (Francisco, 2024b, 2). É nessa perspectiva que vale ressaltar as palavras do Papa Francisco na mensagem enviada aos participantes do 5º CMN:

Desejo que as Igrejas locais desse imenso Brasil, com o coração ardente pela paixão de evangelizar, ponham os pés a caminho, proclamando alegremente a todos os povos o Cristo Ressuscitado. Vos peço que não deixeis esmorecer o ardor, que certamente experimentareis durante o Congresso (Francisco, 2023).

Entre os conteúdos oferecidos, parece-nos relevante retomar um apontamento presente na apresentação do Pe. Estevão Raschiatti (2023), descrevendo três significados de “até os confins da terra” (Bíblia, At 1,8). O primeiro descreve a saída missionária, nos Atos dos Apóstolos, rumo até os confins da terra. O segundo manifesta a dimensão universal da missão evangelizadora. O terceiro “aponta para um compromisso eclesial de se lançar às realidades mais extremas tanto geográficas como existenciais” (Raschiatti, 2023, p. 14). Com efei-

to, como nos lembra o Papa Francisco “a Igreja de Cristo sempre esteve, está e estará ‘em saída’ rumo aos novos horizontes geográficos, sociais, existenciais, rumo aos lugares e situações humanas ‘de confim” (Francisco, 2022, 2). Essas indicações levam a descobrir novos horizontes para a missão “ad Gentes”, impulsionando a Igreja em “saída-missionária” rumo às “realidades mais extremas” e a “situações humanas de confim”. É um convite desafiador e, ao mesmo tempo, pedagógico, porque nos ajuda a entender que a missão ad gentes, ou a ida “até os confins do mundo”, não pode ser reduzida a um simples deslocamento geográfico. Segundo o Documento de Aparecida (DAp), “na verdade, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também os campos socioculturais, e sobretudo os corações” (DAp 375).

As “realidades mais extremas” e as “situações humanas de confim” não se encontram só do outro lado do mundo, mas estão presentes no nosso microcosmo, no nosso ambiente cotidiano, no território da Igreja local. Como discípulos missionários não podemos ficar inertes; precisamos sair do nosso conforto, “saber tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados, e chegar as encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG 24; cf. DAp 176). E se a Igreja local não ouvir, perceber e acolher o grito dos excluídos e do “ad gentes” presentes no próprio território, como poderá ter a capacidade de se lançar na missão “além-fronteiras” geográficas e culturais? Às vezes, o grito ou os gritos “dentro de casa” incomodam porque questionam, desafiam o nosso cotidiano. Pode ser mais fácil distanciar-nos deles, enveredando na ilusória missão “além-fronteiras” e, com isso, confirmando uma fuga da realidade que nos incomoda. Os gritos dos “Bartimeus” (Bíblia, Mc 10, 46-52) ora esquecidos pelas nossas comunidades, ou Igrejas locais, estão se tornando insuportáveis e constrangedores. Mas se finge não ouvir, desviando-se o olhar, porém, são eles que nos indicam e provocam nossa percepção:

[...] sinais de esperança não de ser oferecidos [...] Oxalá não falte a atenção por todos aqueles que se encontram em condições de vida extenuante [...]. O cuidado para com eles é um hino à dignidade humana, um canto de esperança que exige a sincronização de toda a sociedade” (Francisco, 2024b, nº 11).

Bartimeu estava entre os excluídos e marginalizados pela sociedade do seu tempo. Hoje, os excluídos sociais geralmente são minorias étnicas, culturais e religiosas: como negros, índios, idosos, doentes, pobres, imigrantes, moradores de rua, LGBTQIAPN+, toxicodependentes, desempregados, pessoas portadoras de deficiência, dentre outros. “Entretanto, os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença” (EG 54). Infelizmente, muitos estão “infectados” pelo vírus da indiferença, inclusive membros da Igreja local. Por vezes, “já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe” (EG 54).

Uma missão evangelizadora que desconsidera a realidade dos excluídos, que não assume a dor do outro, torna-se incompatível com o Evangelho anunciado por Jesus Cristo (cf. Bíblia, Lc 4,18-19). Desse modo, é urgente descortinar aquele horizonte – próximo – que a nossa

hipermetropia impede enxergar e tomar atitude em sintonia com os apelos do ser humano, vítima de vertiginosas transformações, seja no nosso meio como no âmbito mundial. “Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural” (DAp 44). Contudo, parece que essa realidade não tem motivado, suficientemente, a busca de novos caminhos para a ação missionária. Destarte, qualquer mudança cultural que acontece, as práticas missionárias não atravessam profundas crises de identidade. Em vista disso, faz-se necessário descobrir as novas urgências da missão. As mudanças de paradigmas, ocorridas e por ocorrer, afetam nossa sociedade, a Igreja local e o mundo. Esse fenômeno precisa pressionar a ação missionária da Igreja para se formatar novos modelos de missão, em resposta aos desafios do século XXI: “as profundas mudanças em curso fazem-se sentir em sintomas muitos concretos, cujas consequências mergulham a uns na insegurança e no medo e, a outros, no desafio de dar respostas novas às novas perguntas” (Brighenti, 2004, p. 23).

As mudanças de época, e nas diferentes épocas, possibilitaram novos olhares acerca da formação e ação missionária. Nos meados dos anos 80, começavam a se estruturar as primeiras Teologias Internacionais das Congregações Missionárias. Alguns seminaristas eram convidados a estudar com essas teologias no exterior. Perante esse convite, surgiram diversos questionamentos a partir de uma análise acerca dos problemas sócios/políticos/econômicos e religiosos, os quais o Brasil enfrentava no período. Quase de forma unânime, os primeiros seminaristas convidados deram a seguinte resposta: “A nossa missão – por enquanto – é estar aqui!”. Essa afirmação rotulou alguns jovens seminaristas como “esquerdistas” e “imbuídos da Teologia da Libertação” de uma congregação missionária. Mas os tempos mudaram, porque hoje em dia, seria quase uma honra caso um seminarista de congregação missionária venha a ser convidado para estudar em uma Teologia Internacional fora do Brasil. Sem pender para algum juízo de valor sobre o passado, vale a pena retirar aquele rótulo aplicado aos seminaristas dos anos 80. De certo modo, souberam enxergar a realidade desafiadora vivenciada pelo povo e perceber a urgência de uma “missão ad gentes” – aqui e agora – no contexto da Igreja local. Para os seminaristas hodiernos, que viajam ao exterior com facilidade, procede o alerta de papa Francisco (2020) na encíclica Fratelli Tutti (FT), acerca da necessidade de fortalecer a formação humana a fim de evitar um “falso universalismo de quem precisa viajar constantemente, porque não suporta nem ama o próprio povo” (FT 99).

As transformações em curso desafiam a missão e o compromisso de levar a alegria e a esperança do Evangelho até os confins do mundo:

- o ser humano está cada vez mais isolado, embora super conectado pelas redes sociais e outros meios de comunicação;
- o uso das redes sociais, da inteligência artificial (IA) e do metaverso pode promover muitos benefícios, mas também, sérias preocupações;
- o ser humano está se relacionando cada vez mais com robôs, com os “pets”, do que com gente;
- a mobilidade humana deu origem ao ad gentes no nosso dia a dia, no quintal de casa, em família e no território da Igreja local;



- a territorialidade da Igreja local apresenta-se com rostos “coloridos”; porém, nas celebrações, predominam rostos de uma só cor;
- em muitas Igrejas falta acessibilidade ou cuidados especiais para as pessoas com deficiências;
- há casos de paróquias que apresentam dificuldades com as despesas de manutenção, das próprias estruturas, com a economia colocada em primeiro lugar em vez da evangelização;
- as pastorais paroquiais são diversas: oficinas de oração, terços dos homens, encontros de Casais com Cristo, entre outras. Porém, percebe-se uma grande ausência no que se refere à missionariedade.

Disso, surgem algumas questões: nossas comunidades paroquiais são comunidades acolhedoras dos marginalizados e/ou excluídos de nossa sociedade? Transmitem sinais de esperança e gestos de caridade? São algumas perguntas diante de um momento propício para rever o nosso conceito de missão, em que sabemos não existir um modelo “padrão” de missão sem que as transformações sociais, culturais e éticas sejam consideradas no processo de Evangelização. Precisamos deixar cair as “escamas” dos olhos, para voltar a enxergar a luz e a desafiadora realidade que nos envolve, como aconteceu com Paulo de Tarso (Bíblia, At 9, 18). É urgente tomar consciência de que o “ad gentes” surge de uma experiência de missão vivenciada dentro da Igreja local, com abertura universal.

Ao exortar os discípulos a serem as suas testemunhas, o Senhor ressuscitado anuncia onde são enviados: ‘Em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até os confins do mundo’ (At 1,8). Aqui emerge muito claramente o caráter universal da missão dos discípulos. Coloca-se em destaque o movimento geográfico ‘centrífugo’, quase em círculos concêntricos, desde Jerusalém – considerada pela tradição judaica como centro do mundo – à Judeia e Samaria, e até os extremos ‘confins do mundo’. Não são enviados para fazer proselitismo, mas para anunciar; o cristão não faz proselitismo (Francisco, 2022, 2).

A experiência vivenciada durante o 5º Congresso Missionário Nacional foi fundamental para alcançar uma compreensão mais profunda do sentido da missão “até os confins do mundo”. Contempla uma peculiaridade da Ação Evangelizadora como nos indica o Papa Francisco:

Precisamos nos transbordar de esperança para testemunhar de modo credível e atraente a fé e o amor que trazemos no coração; para que a fé seja jubilosa, a caridade entusiasta; para que cada um seja capaz de oferecer ao menos um sorriso, um gesto de amizade, um olhar fraterno, uma escuta sincera, um serviço gratuito, sabendo que, no Espírito de Jesus, isso pode tornar-se uma semente fecunda de esperança para quem o recebe (Francisco, 2024b, 18).

Uma Igreja sinodal em missão até os confins do mundo é uma Igreja que, com coragem, cruza fronteiras vivendo a ministerialidade e a corresponsabilidade. Conforme a Carta Compromisso do 5CMN, uma Igreja samaritana predisposta a amar aqueles que vivem nas periferias geográficas e existenciais.

3. Revisitando o 6º Congresso Americano Missionário

O 6º Congresso Missionário Americano (CAM6) realizado em Ponce, Porto Rico, de 19 a 24 de novembro, de 2024, foi um “importante evento eclesial que, como Igreja discípula-missionária e sinodal, busca ser testemunha de Jesus Cristo até os confins da terra” (CAM 6, 2024, p. 5). Teve como objetivo: “promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos e até os confins da terra” (CAM 6, 2024, p. 9). Importante é colocar alguns trechos da Mensagem do Papa Francisco aos participantes, a qual trazemos em tradução livre do espanhol para esta reflexão:

Vocês têm a alegria de participar deste VIº Congresso Missionário Americano, precisamente no ano que quis dedicar à oração, como preparação para o Jubileu de 2025. E vocês também se prepararam para este evento com uma oração que quis lhe oferecer nesta ocasião. [...] Este é o fundamento da missão: Reconhecer-nos como filhos, tocados pela misericórdia de Deus. Não podemos dar o que não temos, não podemos expressar o que não experimentamos, o que nossos olhos não viram e nossas mãos não tocaram. O fundamento da missão é a experiência de Deus, o encontro amoroso com Jesus, Ele revela-nos a Boa Nova, nos mostra o Pai (Cf. Francisco, 2024a).

A partir desse “norte” ofertado pelo Papa Francisco, e pela riqueza dos trabalhos desenvolvidos durante o evento, trazemos alguns apontamentos em continuidade à reflexão ocasionada pelo CAM6, condizente à proposta de aprofundar-nos a respeito da Missão Evangelizadora que nos espera, incentivada também pelo Ano Santo da Esperança. Consideramos o primor da ideia de colocar, nos primeiros dias do Congresso, a reflexão sobre os “Princípios Doutrinários da Missão”. Com certeza favoreceu uma retomada e aprofundamento da Teologia Missionária do Vaticano II (cf. 2015).

A Igreja peregrina é, por natureza, missionária visto que tem sua origem, segundo o designo de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo. Este designo brota do -amor fontal-, isto é, da caridade de Deus Pai [...] chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória (AG 2).

A importância de uma atualização continuada, a respeito da Missão, dos seus objetivos e das mudanças de paradigmas na Teologia da Missão, deveria acompanhar constantemente a nossa formação missionária. Isso nos permite enfrentar os desafios vindos de uma sociedade globalizada, “para sermos testemunhas da pessoa de Jesus em meio a um mundo

caracterizado pela diversidade cultural, social, religiosa, econômica e política” (CAM6, 2024, p. 55). O enfrentamento ou a adaptação a novos desafios ou momentos de crise não deixa de ser um tempo de oportunidades. A mudança, em tempos de crise, é um processo complexo e imprevisível, resultante de múltiplos caminhos e decorrentes de diversos fatores. Segundo reflete David Bosch (2007, p. 19), com base em pensamento oriental, a crise pode oportunizar caminhos de autenticidade, de ser “verdadeiramente a Igreja”, porque, ao desencadear situações de um futuro incerto, combina perigo e oportunidade, propensos a suscitar acontecimentos que levam a outras direções.

Por esta linha de pensamento, percebe-se que a hodiernidade é caracterizada por alterações profundas e vertiginosas: tecnológicas, sociais, culturais, climáticas, políticas, econômicas e geopolíticas. São todas transformações que pressionam o ser humano, introduzindo certo desequilíbrio em sua própria vida como: estresse, ansiedade e depressão, com consequências psicológicas, físicas e sociais. “Como não poderia ser diferente, também a Igreja, hoje, está imersa num processo de profundas transformações, que a deixam perplexa” (Brighenti, 2004, p.15). Perante tal complexidade o ser humano procura, quando possível, ajuda profissional e outros recursos, no intento de conviver com a realidade que se apresenta. Também a Igreja procura se enveredar por novos caminhos, em busca de encontrar alguma ação missionária capaz de responder aos desafios da hipermodernidade, trazendo palavras significativas e de esperança para os homens, as mulheres e as crianças de hoje. “A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (Dap 11). No cenário onde a Igreja é chamada a levar sua ação evangelizadora para a construção do Reino de Deus, é preciso retomar os documentos do Vaticano II, como o *Gaudium et Spes* (GS), do papa Paulo VI (cf. 2015), para encontrar novos caminhos de esperança. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo (GS 1). E ainda:

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático (GS 4).

Ao examinar o processo histórico da ação missionária, a persistência para encontrar uma sustentação teórica visa responder aos questionamentos do tempo. Vemos ser imprescindível tomar consciência de que: “nunca podemos arrogar-nos delinear a missão com excessiva nitidez e autoconfiança. Em última análise, a missão permanece indefinível; ela nunca deveria ser encarcerada nos limites estreitos de nossas próprias predileções” (Bosch, 2007, p. 26). De certa forma, podemos afirmar o mesmo em relação à Ação Evangelizadora da Igreja, conforme Paulo VI (cf. 2018), na Encíclica *Evangelii Nuntiandi* (EN):

Nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização,

a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar. É impossível captá-la se não se procurar abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais (EN 17).

A dificuldade em definir a atividade missionária e, por conseguinte, a atividade evangelizadora, acompanhou o mundo missionário desde o mandato de Jesus Cristo (cf. Bíblia, Mt. 28,18-20) até nossos dias. Por isso, é importante ter uma visão histórica, vivenciada pela ação missionária, acerca dos diversos momentos de “crise” enfrentados e superados pela ação do Espírito Santo que, como nos lembra João Paulo II pela Redemptoris Missio (RM): “Verdadeiramente o Espírito Santo é o protagonista de toda a missão eclesial” (RM 21). Ele descortina para Igreja novos horizontes, apontando inéditos modelos de Evangelização, porque “nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN 75). E mais adiante: “Pode-se dizer que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização” (EN 75), que nos conduz, ao longo da história, na construção do Reino de Deus: horizonte da Missão Evangelizadora (CAM6, 2024, p. 41).

4. Mensagem final do 6º Congresso Americano Missionário

A mensagem final do CAM6 afirma que o Congresso “foi uma provocação reflexivo-teológica e doutrinária sobre a missão ad gentes, concretizada pela experiência vivida pelos missionários em territórios específicos de evangelização” (CAM6, 2024b). Essa reflexão ressalta a percepção de alguns desafios para, em futuras análises, dar um passo adiante na ação missionária visando alcançar uma “conversão pastoral e renovação missionária” para as Igrejas Locais. Acerca desses desafios, consideramos:

- a) Introversão eclesial que nos faz olhar especialmente para as realidades internas dos respectivos grupos, movimentos, paróquias e dioceses. – Nossa proposta: precisamos retomar em nossas comunidades, juntos aos queridos padres, uma profunda reflexão sobre a “conversão pastoral” muito bem explicada no Documento de Aparecida do nº 365 ao nº 370. Inclusive, precisamos retomar a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium procurando os tópicos seguintes: Pastoral em Conversão nº 25. Uma renovação eclesial inadiável nº 27, 30, 31, 33. A partir do coração do Evangelho nº 34 e 35. Uma mãe de coração aberto nº 46, 48, 49. Todos somos discípulos missionários nº 120. Faz-se urgente essa “Conversão” para colocar nossas Igrejas Locais em “saída” visando chegar até os confins do mundo.
- b) Falta de gratuidade para com os missionários ad gentes existentes que, às vezes, parecem invisíveis para suas igrejas locais e paroquiais. – Nossa sugestão: este desconforto que ainda estamos percebendo pode ser interpretado como um resquício de certos conflitos surgidos no século XIX entre Igrejas Locais e as Congregações Missionárias (Müller, 1995, p. 105-106). Desde o Vaticano II, abriu-se um novo horizonte para superar certos desentendimentos entre a Pastoral e a Missão. Uma reflexão para ajudar-nos a encontrar novos caminhos:



Devemos reconhecer que, talvez, hoje uma crise que vem de longe está a atingir um resultado positivo e pretende aproveitar ao máximo as mudanças profundas que afetaram tanto o mundo da missão como a vida pastoral da Igreja; talvez caminhemos para uma nova aliança entre a Igreja e o mundo missionário: assentes em bases teológicas diferentes das do passado, esta nova relação exige um ato de confiança e um esforço decisivo tanto da Igreja como do mundo missionário (Colzani, 2012, p. 327).

Esse esforço entre Igreja local, Congregações Missionárias e Leigos(as) Missionários(as) tem um nome: parceria. Precisamos dar mais visibilidade e acolher fraternalmente todos os Missionários ad gentes, sejam eles religiosos(as) ou leigos(as); com o objetivo de ter suas valiosas ajudas na animação missionária, visando avançar na conversão missionária de nossas paróquias e da Igreja local. Há alguns anos, no CCM (Centro Cultural Missionário) ou nas POM (Pontifícias Obras Missionárias), havia um cadastro de todos os missionários(as) brasileiros(as) no exterior. Seria interessante reativar esse arquivo para estreitar laços de amizade, via redes sociais e outros meios, fortalecendo uma nova colaboração entre Igreja local, Congregações Missionárias e Leigos(as) Missionários(as).

- c) *Falta de formação missiológica em nossas igrejas locais.* – Nossa observação: infelizmente, por essa falta de formação missionária, a “recepção” do Documento de Aparecida de 2007, em muitas paróquias, ainda não aconteceu, transformando alguns apontamentos em “letra morta”, pois: “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (Dap 370). Inclusive, a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium parece ter sido esquecida nas bibliotecas de algumas paróquias, juntamente com o convite do Papa Francisco: “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25). Realmente há certa dificuldade para encontrar, nas paróquias, a presença do Conselho Missionário paroquial (COMIPA): o articulador da missionariedade paroquial.
- d) *Falta de infraestrutura financeira e de recursos humanos para apoiar a missionariedade.* – Nossa constatação: realmente, a Cooperação Missionária parece ter-se reduzido ao Dia Mundial das Missões, com pouca receptividade por parte de algumas paróquias. A Campanha Missionária, sempre muito bem planejada com relativos subsídios, deveria ser um tempo privilegiado nas paróquias, com o objetivo de incentivar a animação e formação missionária. Porém, o ardor missionário que deveria animar nossas comunidades tem sido insuficiente.

Além desses desafios há também propostas concretas formuladas na mensagem final do CAM6, as quais motivaram um trabalho missionário de reflexão do pós-CAM, compartilhado em março de 2025. Essa busca, de novas perspectivas missiológicas e novo envolvimento na Ação Missionária de nossas comunidades, tem como referência o Sínodo da Sinodalidade e o Ano Santo da Esperança. Dois referenciais que podem fortalecer uma Mis-



são Sinodal para levar a Alegria e a Esperança do Evangelho aos confins do mundo, porque somos “Missionários, peregrinos da Esperança”.

5. Considerações finais

Estamos convencidos de que a vivência no CAM6 e no 5CMN pode ser comparada à experiência dos discípulos de Emaús (Bíblia, Lc 24, 13-35). O encontro fraterno com tantos irmãos e irmãs, os temas apresentados, os trabalhos de grupos e os momentos de oração aqueceram o coração dos participantes, como a dizer um para o outro: “Não ardia o nosso coração quando nos falavam sobre a Missão Trinitária, a Missão da Igreja, a nossa Missão Evangelizadora a ser levada até os confins do mundo?” (cf. Bíblia, Lc 24,32). Com o coração ardente e pés a caminho, os participantes demonstravam regressar às suas comunidades como os discípulos de Emaús voltaram para Jerusalém (cf. Bíblia, Lc 24,33). Agora começa um “novo tempo”: um período de reflexão, de aprofundamento dos conteúdos assimilados no 5ºCMN e no CAM6 e, também, um tempo de partilha com a comunidade local para despertar nos fiéis um “novo ardor missionário”. A maturidade no caminho ao seguimento de Jesus de Nazaré e o amor por anunciá-lo assinalam que as Igrejas particulares precisam se revigorar, continuamente, em sua vida e ardor missionário.

Lembremos: Somos missionários(as), peregrinos(as) da esperança. A peregrinação no ano jubilar é um elemento fundamental, a dizer-nos que estar a caminho é típico de quem caminha à procura do sentido da vida. A missão deve ser uma continua peregrinação, um cruzar de fronteiras geográficas, culturais, políticas, sociais e religiosas. Nessa “romaria”, o encontro com a diversidade, de mundos desconhecidos onde está oculta a presença do Espírito Santo, fortalece nossa experiência com Deus e a nossa Esperança. Dessa forma, encontraremos o verdadeiro sentido da vida e nos tornaremos Missionários da Esperança. É nos aventurarmos nessa caminhada, sem medo, com a certeza de que Ele (Jesus Cristo), por meio do seu Espírito (o Espírito Santo) estará conosco até o fim dos tempos. (cf. Bíblia, Mt 28, 20).

6. Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003.

BOSCH, David J. Missão Transformadora, Mudanças de Paradigmas na Teologia da Missão. São Leopoldo RS: Editora Sinodal 2007.

BRIGHENTI, Agenor. A Igreja perplexa: A novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.

CELAM. Documento de Aparecida (DAp): Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM). São Paulo: Paulus, 2007.

COLZANI, Gianni. *Pensare la missione: Studi editi e inediti a cura de Sandra Mazzolini*. Roma: Urbaniana University Press, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos e declarações*. 31ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2015.

CONGRESSO MISSIONÁRIO AMERICANO, 6. *Instrumento de Trabalho: Rumo ao CAM6*. Porto Rico, 2024a. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/apresentacao-do-texto-base-do-cam6/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

CONGRESSO MISSIONÁRIO AMERICANO, 6. *Mensagem Final do 6º Congresso Americano Missionário (CAM6)*. Puerto Rico 2024b. Disponível em: <https://www.ccm.org.br/noticias/mensagem-final-do-6o-congresso-americano-missionario-cam6/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

CONGRESSO MISSIONÁRIO NACIONAL, 5. *Carta Compromisso do 5º Congresso Missionário Nacional (5CMN)*. Publicada em 15 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.a12.com/radio/noticias/5o-congresso-missionario-nacional-apresenta-carta-compromisso>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: A Santidade e a fraternidade universal (FT)*. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG)*. Roma, 24 de novembro de 2013. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial das missões 2022: Seis minhas testemunhas*. Roma, 23 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/> Acesso em 20 jan. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Santo Padre Francisco aos participantes do 5º Congresso Nacional Missionário*. Roma, 9 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.pom.org.br/>. Acesso em 20 jan. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Mensaje del Santo Padre Francisco a los participantes en el VI Congreso Americano Misionero (CAM6)*. Roma, 21 de noviembre de 2024a. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2024/11/21/211124d.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Spes non confundit: Bula de proclamação do Jubileu ordinário do ano 2025*. São Paulo: Paulus, 2024b.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Missio: Sobre a validade permanente do mandato missionário (RM)*. Roma, 7 de dezembro de 1990. São Paulo, Paulinas, 2008.

MÜLLER, Karl. *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PAULO VI, Papa. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: Sobre a Igreja no mundo atual (GS)*.



Roma, 7 de dezembro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 20 jan. 2025.

PAULO VI, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: Sobre a Evangelização no mundo Contemporâneo (EN). Roma, 8 de dezembro de 1975. São Paulo, Paulinas 2018.

RASCHIETTI, Estevão. Até os confins da terra. Serviço de Informação Missionária, SIM. Brasília: ano 51, nº 3, setembro a dezembro de 2023.

SÍNODO DOS BISPOS 2024. Para Uma Igreja sinodal: Comunhão, participação, missão. São Paulo: Paulinas 2025.

TEMPESTA, Dom João Orani. Por uma Igreja Sinodal: Reflexão pastoral. Vida Pastoral. Publicado em janeiro fevereiro de 2023, ano 64, nº 349, p. 16-23. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/por-uma-igreja-sinodal-reflexao-pastoral/>. Acesso em 20 jan. 2025.

Recebido: 02/02/2025

Aprovado: 04/04/2025



